

A MÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ÚLTIMA: Tríade Hindu e Santíssima Trindade

Mysticism in the construction of the Ultimate Reality:
Hindu Triad and Holy Trinity

Joachim Andrade^(*)

*Plenitude cá, Plenitude lá
da Plenitude surge a Plenitude,
e em todo lugar, uma consigo própria,
lá permanece a Plenitude.
(Brihadaranyaka Upanishads V, I)*

Resumo

O artigo analisa o papel da mística na construção da Realidade Última em duas tradições distintas: hinduísmo e cristianismo. Ao longo do desenvolvimento apresenta a compreensão da mística e seus caminhos apresentados pelos cientistas da religião que levaram a construir as diversas imagens da Realidade Última, a saber, Deus. Duas imagens são escolhidas, Tríade hindu e Santíssima Trindade, apresentando-as como elas foram elaboradas pelos sábios dessas duas tradições, a partir da análise dos contextos existentes daquela época. Nas considerações finais se faz um apelo que o mais importante papel da mística é estabelecer as relações harmônicas dos humanos entre si e também entre os humanos e a Realidade Última.

Palavras-chave: Realidade Última. Mística. Tríade. Trindade.

Abstract

The article analyzes the role of mysticism in the construction of the Ultimate Reality in two distinct traditions: Hinduism and Christianity. All through the elaboration, the article clarifies the understanding of the mysticism and its paths presented by the scientists of religion that led to the building of the various images of the Ultimate Reality, namely, God. Two images are chosen, Hindu Triad and Holy Trinity, presenting them as to how they were elaborated by the mystics of these two traditions, through the analysis of the existing contexts of that time. The final considerations, make an appeal, that the most important role of mysticism is to establish the harmonic human relations with each other and also between humans and the Ultimate Reality.

Keywords: Ultimate Reality. Mysticism. Triad. Trinity.

INTRODUÇÃO

O espírito humano não se satisfaz com o que está ao seu alcance, sempre está procurando algo além, e nesta busca recorre muito frequentemente a um mundo imaginário. Deseja conhecer o fundamento de sua existência, levantando questionamentos básicos e relevantes. Os Upanishads formulam essas perguntas nos

^(*) Indiano, membro da congregação do Verbo Divino. Professor de Teologia pela PUC-PR e Studium Theologicum (Faculdade Claretiana de Curitiba). Mestre em Antropologia Social (UFPR - 2003). Doutor em Ciências da Religião (PUC-SP - 2007). Membro da Equipe Interdisciplinar da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Autor de cinco livros e numerosos artigos científicos.

E mail: joachimandrade@terra.com.br

seguintes versos, “Quem envia a mente a vaguear na distância? Quem primeiro impele a vida a iniciar sua jornada? Quem nos obriga a proferir estas palavras? Quem primeiro conduz a mente em sua jornada? Quem é o Espírito detrás do olho e do ouvido?” (KENA UPANISHADS, 1.1). De certo modo, Émile Durkheim parece traduzir para o campo sociológico essa reflexão da escritura hindu, quando, ao analisar a sociedade, percebe que o homem possui uma faculdade natural para criar um mundo idealizado e colocar neste mundo o pensamento, possibilitando assim o nascimento de uma sociedade ideal. Durkheim conclui seu raciocínio afirmando que “uma sociedade não pode criar-se nem recriar-se sem criar ao mesmo tempo alguma coisa ideal” (DURKHEIM, 1996, p.126). Nos dois exemplos acima, percebemos que essas inquietações refletem o homem em busca de uma Realidade Última¹, que está além dele.

Neste artigo pretendemos clarear a terminologia “mística” seus significados e sua contribuição na construção da Realidade Última em duas tradições religiosas: a Tríade do hinduísmo e Santíssima Trindade do cristianismo. Em um segundo momento, tentaremos apresentar algumas reflexões em torno dessas duas tradições a partir de alguns pesquisadores e cientistas de religião.

1 COMPREENSÃO DA MÍSTICA

O termo MÍSTICA, como substantivo, provém do adjetivo MISTIKÓS, derivados do verbo MÚEIN que quer dizer: fechar os olhos e a boca. Olhos fechados para enxergar somente o segredo, e a boca para não se revelar, a não ser no momento certo ou à pessoa certa. O termo “mística” surgiu no ambiente das antigas religiões esotéricas ou dos cultos secretos das chamadas “religiões de mistério”. O surgimento dessa ideia remonta aos egípcios do período dos faraós, durante a construção das grandes pirâmides. O entendimento de que os faraós eram descendentes do deus Sol – Rá, portanto, supunha que eles eram considerados como representantes do próprio divino. Ao falecer precisavam retornar ao seu lugar de origem, ao deus Sol.

No interior dessa concepção surgiram a construção das pirâmides, onde o ponto mais alto deveria estar em sintonia com o movimento do Sol. Os raios tanto pela manhã, ao meio dia e à tarde precisavam cair nesse ponto alto da pirâmide, assim preservando o interior da pirâmide aquecida permanentemente onde se encontrava depositado o corpo

¹. O termo “Realidade Última” nada mais é do que o termo “Deus”, que de modo geral utilizamos. Neste artigo escolhemos utilizar esse termo, sendo que os cientistas da Religião costumam optar por ele para preservar a neutralidade em relação à diversidade das tradições religiosas.

mumificado do faraó. Assim, no final dos tempos o faraó voltaria ao lugar de sua origem. Porém, o mistério era manter a dinâmica de organizar milhões de tijolos e construir a pirâmide em direção aos raios do Sol. A pirâmide torta era descartada, sendo que não servia para aquecimento do interior da pirâmide.

Surgiu então uma classe especial de pedreiros que possuía esse segredo da construção a partir de formação adequada, o que possivelmente deu a origem à tradição religiosa atual que chamamos de Maçonaria. Ao passar pela formação rigorosa, esses pedreiros eram iniciados, sendo que somente eles tinham acesso ao divino, pois somente eles tinham o segredo e esse segredo era reservado a eles, o qual precisavam guardar, uma vez que constituía o acesso ao divino, visto como mistério escondido e se encontrava distante. Essa era compreensão original da mística que deu ponto de partida para a construção e compreensão da Realidade Última nas religiões.

Portanto, a elaboração da mística é vinculada ao mistério que articulamos como Realidade Última ou Deus. Os povos ou sábios faziam elaboração conforme suas experiências distintas das realidades geográficas, sociais e espirituais. A diversidade de abordagens sobre a Realidade Última provém da diversidade da própria condição humana, que varia segundo o meio geográfico onde se encontra. No sul da Índia existe uma cultura milenar, que tem suas próprias dinâmicas de elaborar o conteúdo religioso a partir da relação com a região geográfica. Conforme essa tradição, toda terra encontrava-se dividida em cinco regiões: a montanha, a floresta, os campos férteis, a região costeira e o deserto árido. Cada tipo de terreno sustentava um modo de vida particular, um modo próprio de sobrevivência, uma fauna e flora características. A partir dessa visão, cada região elaborava um universo cultural que favorecia um gênero especial de relação amorosa, um estilo musical particular, e até mesmo uma divindade protetora. Como Amaladoss afirma:

[...] as montanhas promovem a união entre os amantes; as regiões florestais encorajam a vida em comunidade, os campos férteis fornecem ao mesmo tempo o contexto para a infidelidade e para o enfado, a região costeira evoca a separação do amante distante, e o deserto aponta para as dificuldades encontradas pelos casais em fuga, separados de seus pais (AMALADOSS, 1997, p.106).

Assim, podemos deduzir que as religiões orientais deram mais ênfase para a realidade agrícola enquanto as religiões desérticas apontaram a realidade do firmamento. As religiões africanas para os contextos semidesérticos e savanas e os indígenas das Américas para as florestas. A construção da Realidade última era algo fundamental para preservar as relações de naturezas diferentes entre os seres humanos e

também entre os seres humanos e o divino. Nesse ponto encontra-se a ligação entre espiritualidade e mística, sendo que a espiritualidade entendida como ponto de partida é o caminho enquanto a mística, como ponto de chegada, o lugar da Realidade Última. O caminho que as religiões trilham para chegar a Realidade Última é múltiplo devido à experiência com a região geográfica, criando múltiplas imagens dessa mesma Realidade.

2 MÚLTIPLAS IMAGENS DA REALIDADE ÚLTIMA

O estudo sobre a Realidade Última é a continuação do Projeto de Ideias em Religião Comparada da Universidade de Boston, EUA, que tinha dois objetivos principais: desenvolver e testar uma teoria referente à comparação de ideias religiosas, e fazer algumas importantes comparações sobre ideias religiosas da condição humana, Realidade Última e verdade religiosa. É necessário que haja uma abordagem mais complexa sobre Realidade Última, uma vez que ela é vista como uma categoria cognitiva e escapa da total e verdadeira compreensão. A segunda obra do projeto, “*Ultimate Realities*”, mostra como a Realidade Última é interpretada dentro de seis grandes tradições religiosas (Judaísmo, Cristianismo, Islã, Hinduísmo, Budismo e religiões chinesas). O ponto de vista de cada uma dessas religiões é apresentado por um pesquisador que ou é um especialista nessa religião ou que pertence a ela. Nenhum dos autores fornece uma resposta clara sobre a Realidade Última, mas cada um oferece uma investigação histórica que é enriquecida com a própria experiência pessoal, que por sua vez abre a discussão a outros pesquisadores. As religiões nos fornecem diversas imagens sobre a Realidade Última. Apresentaremos duas imagens das tradições que iremos tratar.

2.1 *Purnam* do hinduísmo

O primeiro símbolo da Realidade Última é o do hinduísmo, chamado de *pürnam*, que significa plenitude. Essa imagem provém de uma invocação do final do *Isopanishad*, texto sagrado do hinduísmo, que diz: “Aquele (ser divino) é pleno; esta (a criação) é plena; torne-se a plenitude da criação divina, e ela permanece a mesma

(GRIFFITHS, 1992, p.5)² Não há como compreender essa plenitude, pois nela se encontram imersos os seres humanos. É como se estar inserido num oceano em que se vive, movimentar-se e ter o seu próprio ser. Ela não é estática, mas repleta de vida e criatividade. No dizer de Amaladoss:

Reparte sua abundancia na criação, nada perdendo em dar ou criar. Pelo contrário, a plenitude permanece; a multiplicidade e a variedade da criação são vistas não como divisão e fragmentação, mas como riqueza enraizada numa unidade que é plenitude (AMALADOSS, 1997, p 16).

Além disso, esse símbolo também é considerado como *urnakumbha* – o vaso cheio. “Um vaso redondo cheio de água, por vezes decorado com um coco e folhas de manga em seu cimo. A água é o símbolo da vida e o vaso cheio simboliza plenitude de vida” (AMALADOSS, 1997, p.16). Como também aponta Andrade, “diferentemente da totalidade que evoca estrutura, a plenitude exala vida. Assim ela envolve, faz com que o indivíduo esteja integral, promovendo fraternidade comunitária que sustenta a solidariedade social e finalmente preservando a harmonia cósmica” (ANDRADE, 2020, p, 24). Quando existe um equilíbrio entre essas dimensões experimentamos a plenitude.

2.2 Santíssima Trindade do cristianismo

A tradição cristã sempre reconheceu o movimento dinâmico de Deus. Um dos padres da Igreja São Tomás de Aquino afirmou em sua coletânea de teses, *Summa Theologiae*, que Deus é um ato puro, que sempre está em atividade. Neste sentido, a construção da ideia de Santíssima Trindade serve para afirmar que, em sua profunda identidade, Deus é uma relação, uma comunhão. Bevans e Schroeder (2016, p. 26), fazem uma referência ao Leonardo Boff, que afirma, “no início mais remoto a comunhão prevalecia. Essa vida em comunhão se revela na criação, na cura e na santificação, chamando toda a criação, de acordo com sua capacidade, para si, ordenando que esta criação siga adiante e reúna ainda mais pessoas nesse movimento”.

Encontramos diversas imagens para ilustrar o mistério do Deus Uno e Trino. Deus ao mesmo tempo uno e trino numa harmonia absoluta, a origem da qual tudo procede, o Verbo ou expressão por meio da qual tudo foi feito (Jo, 1,3). O teólogo alemão Gisbert Greshake (citado por Gnata, 2015) aponta a importância do número três da Trindade.

². A tradução dessa mesma imagem encontra-se em uma linguagem simples, por exemplo, em Amaladoss, que traduz da seguinte forma: “Plenitude por toda a parte. Da plenitude origina-se a plenitude. Quando a plenitude origina a plenitude, a plenitude permanece”.

O número "três" opõe-se ao número "um". "Um" significa a solidão, sendo fechado em si mesmo. O número "três" opõe-se, também, o número "dois". O número "2" significa separação e exclusão (eu não sou você!), ou narcisismo (você é para mim). Portanto, o número "três" supera a solidão e o fechamento em si mesmo, bem como a separação/exclusão e qualquer forma de narcisismo, vinculando os dois juntos em comunhão. Dessa forma, unidade e diversidade compõem a unidade da comunhão. Tal comunhão é o Deus Uno e Trino".³

Essa misteriosa relação entre essas três pessoas divinas deu origem à compreensão de que Deus é relação no processo da construção da imagem da plenitude. Neste sentido a mística acompanha todo o processo de construir a imagem da Trindade na tradição cristã.

Pode-se verificar também na história da humanidade, os seres humanos se defrontam com os mistérios da vida e elaboram diversos sistemas de significação por meio de mitos, visões de mundo, filosofias e crenças religiosas. Mediante o ritual e os relacionamentos os grupos constroem a comunidade, elaboram ideologias e sistemas políticos que os auxiliam a alcançar as finalidades na vida, e também cultivam uma religiosidade interior que em linguagem cristã é chamada de espiritualidade. O teólogo protestante Paul Tillich afirma que o homem faz esse movimento porque ele é "possuído pelo interesse por aquilo que é supremo".⁴ Posteriormente, esse movimento que foi chamado de salvação.

3 TRILHANDO O CAMINHO DA MÍSTICA

Antes de analisarmos o conceito de Realidade Última dentro do hinduísmo, é prudente rever algumas discussões levantadas pelos pesquisadores da Religião, e analisar de que maneira essas discussões abrem espaço para a comparação. Entre eles encontramos a abordagem do Raimundo Panikkar que aponta:

As diferentes tradições religiosas da humanidade são como as cores em número quase infinito, que aparecem quando o divino ou simplesmente a luz total da realidade recai sobre o prisma da experiência humana: ela difrata-se em inúmeras tradições, doutrinas e religiões. Por meio de qualquer cor, isto é religião, pode-se chegar à fonte de luz branca. (AMLADOSS, 1997, p 187)

Mais adiante, acrescenta:

Qualquer religião é completa, assim como qualquer língua é também capaz de expressar tudo que sinta necessidade de expressar. Embora cada língua seja um mundo em si ela não deixa de ter relações com as línguas vizinhas, ao tomar empréstimos destas e estar aberta às influências mútuas. As religiões são equivalentes na mesma medida em que as

³ Essa citação apresentada por Renato Gnata em Power Point apresentação no Congresso sobre a Interculturalidade e Missão, em Roma, Itália no dia 23 de janeiro de 2015.

⁴ No original, em inglês, *grasped by ultimate concern*.

línguas não traduzíveis e são singulares tanto quanto as línguas são intraduzíveis (AMALADOSS, 1997, p.188).

É muito comum a afirmação de que a Realidade Suprema é Una, embora, de acordo com as condicionantes histórico-culturais, seja chamada por nomes diferentes. Os hindus chamam Deus de *Brahman*, os muçulmanos invocam Alá, os cristãos o chamam de Pai. Todavia, esses nomes referem-se a uma única e mesma realidade, a saber, Deus. A base religiosa sobre a qual cada uma dessas tradições concebe Deus não é a mesma. O nome de Deus talvez seja um indicativo da região lingüística em que uma determinada religião se originou. Mas o nome não aponta a natureza atribuída a Deus, a finalidade da salvação que se vislumbra e o caminho proposto para que se atinja a finalidade.

Swami Vivekananda, pensador indiano que propagou o hinduísmo no Ocidente, opina que

[...] assim como os muitos rios que têm suas nascentes em diferentes montanhas rolam terra abaixo, tortuosos ou retilíneos, e por fim chegam ao oceano - assim, todas essas crenças e religiões, partindo de diferentes pontos de vista e percorrendo caminhos tortuosos ou retilíneos, por fim chegam a Vós (AMALADOSS, 1997, p.186).

Vista essa Realidade Última sob diferentes ângulos, cabe aprofundar o papel da mística na construção tanto da Tríade hindu como Santíssima Trindade.

4 MÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DA TRÍADE HINDU

O problema do Uno e múltiplo é fundamental na filosofia indiana. Pois a Índia é um lugar de diversidade em todos os níveis: geográfica, cultural, étnica e lingüística. Era necessário encontrar um meio de unificar essa diversidade para ter uma vivência harmônica e una. A primeira iniciativa de unificação se encontra na construção da Tríade hindu.

O nome tradicional do hinduísmo é *Sanatana Dharma*, quer dizer a Religião Eterna. O termo hinduísmo foi inventado pelos muçulmanos quando invadiram a Índia numa tentativa de manter a pureza do Islamismo, chamando por esse nome a religião do povo que vivia do outro lado do rio Sindhu. Existe uma teoria evolucionista sobre a origem da civilização indiana que afirma que em torno do ano 2500 a.C. certo grupo de nômades do norte do Irã, chamado árias, deixou sua realidade do deserto e emigrou em seis direções. Os grupos que foram em direção ao Ocidente espalharam-se por toda a Europa, tornando-se os ancestrais dos povos gregos, romanos, celtas, germânicos, eslavos. Aqueles que tomaram a direção do Oriente tornaram-se os ancestrais dos

indianos. Quando os arianos invadiram a Índia, encontraram uma população nativa agrícola chamada de dravidianos. Com seu ímpeto guerreiro, os nômades dominaram sobre os nativos, inculturaram-se, e do contato entre essas duas culturas, nasceu uma complexa religião ritualística conhecida como religião védica, que posteriormente assume diversos nomes como bramanismo, *sanatana dharma* e finalmente, hinduísmo.

A Índia antiga arraigava-se na consciência monoteísta da divindade: um só Deus já antes da invasão dos arianos. Durante o período do seu desenvolvimento, surge então o monismo puro através de uma crença em um só Deus, infinito, absoluto e supremo conhecido como *Brahman*. Sendo infinito, Ele não passa nenhum tipo de mudança, portanto é também chamado de *Nirguna Brahman*, um Deus impessoal, Deus distante, sem nenhuma forma ou qualidades. Posteriormente, as entradas estrangeiras deram origem à experiência multicultural que promoveu no campo religioso a ideia de Tríade. O *Nirguna Brahman*, que era distante, passou a ser Deus numa manifestação pessoal, acessível aos seres humanos, que veio conhecer *Sadguna Brahman*, deus pessoal, embora transcendente, também presente em todos os seres, animados ou inanimados, especificamente como a presença oculta dentro do ser humano. Como afirmam Brandon e Luke “ *Brahman* (ou o Absoluto) é essencialmente impessoal e ao mesmo tempo, pessoal; ele é manifesto em uma variedade de formas que são mais bem entendidas como símbolos da verdade divina” (TOPOLOV e BUCKLES, 2006, p. 213).

Ao longo dos séculos, tanto *Nirguna Brahman* como *Sadguna Brahman* foram juntados numa só imagem, a Tríade. O principal indicativo histórico da construção da tradição hindu é a invasão da Índia pelos arianos. O confronto entre as duas tradições - ariana e dravidiana - gerou a semente de uma nova tradição no subcontinente indiano. Logo após a invasão da Índia, houve o processo de arianização, decorrente da submissão forçada da tradição dravidiana, da qual resultou a tradição védica; em um segundo momento deu-se a hinduização propriamente dita, que resultou na tradição atual: doravante passaremos a chamá-la “Tradição Hindu”. Constatamos esta fusão em Andrade quando diz:

O termo “hinduização” é utilizado para designar o momento no qual as tradições dravidiana e ariana abandonam suas diferenças. Ao longo do tempo elas se fundiram em uma só, construindo uma identidade religiosa e social unificada, denominada Hinduísmo. Essa integração reflete-se na construção da Tríade Hindu (a *Trimurti*), que apresenta – em pé de igualdade ou de alternância de supremacia - tanto divindades arianas (*Brahma* e *Vishnu*) quanto dravidianas (*Shiva*) (ANDRADE, 2007, p.97)

A elaboração da tríade hindu se deve à metáfora originária da experiência agrícola, onde existe um processo cíclico e contínuo da preparação da terra, semeadura, crescimento das plantas, colheita e finalmente a morte. Essa experiência da natureza foi levada ao universo religioso, onde o Brahman, embora uno, começou a se apresentar sob três aspectos: *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva*, respectivamente, criação, preservação e transformação. Também existem as opiniões entre os antropólogos que a tríade hindu provém dos cultos solares. Dizia-se que o sol possuía três corpos: o primeiro gerava por seu calor fertilizante, o segundo preservava com sua luz tranquilizante e o terceiro destruía com seus raios violentos. Assim De Smet descreve: “Ele [o Sol] é o *Dinakar* durante o dia todo, na parte da manhã é chamado *Bhaskar*, ao meio dia, *Martand* (*calor forte*), de *Rajanikar*, como criador da noite, à tarde” (SMET e NEUNER, 1998: 315).

A tríade hindu é uma forma de buscar por uma unicidade que forme a base do conceito de Deus no hinduísmo. O clamor para estabelecer a unidade na crescente diversidade no subcontinente indiano é sintetizado na tríade hindu, onde todas as crenças encontram seu lugar.

5 MÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DA TRINDADE CRISTÃ

A mística na tradição cristã deve ser entendida no sentido de que o Divino tão distante foi revelado na pessoa de Jesus. De tempos em tempos Deus comunicava com a humanidade, na criação, através dos patriarcas, profetas, mas, todavia, sua manifestação plena ainda não havia acontecido. A tradição cristã compreende que pela revelação e encarnação de Jesus a humanidade teve acesso a esse Mistério de Deus. Esse Mistério, a Realidade Última, não foi revelada às pessoas de gerações passadas, mas foi revelada pelo Espírito aos apóstolos e profetas (Ef 3, 4-6). Jesus Cristo, pela sua vida, morte e ressurreição, abriu o reino e a salvação a toda a humanidade. A Realidade Última foi conhecida através de Jesus, mais tarde os padres e madres do deserto e os santos da Igreja conseguiram captar esse Mistério. Nessa forma surgiram as tentativas para construir a imagem da Santíssima Trindade para indicar que a Realidade Última da tradição cristã é relacional e está disposta a dialogar com a humanidade.

A discussão sobre a Santíssima Trindade não era a maior preocupação dos cristãos primitivos; o que eles buscavam eram os caminhos de evangelização apresentados por Jesus e seus discípulos. A discussão teológica e dogmática a respeito da Santíssima Trindade começou depois de três séculos de martírio e na clandestinidade dos cristãos, a

partir do Edito de Milão (313) chamado Edito de Tolerância, que reconheceu o cristianismo, no interior do Império Romano, como uma religião entre outras. Depois disso, o cristianismo acumulou diversos privilégios: assumiu o lugar do poder; introduziu o domingo cristão no calendário do Império (321); o imperador romano recebeu o título de *Pontifex Maximus* (375) e, logo em seguida, os papas assumiram o de Sumo Pontífice – que continua até os dias de hoje.

No interior desse progresso da Igreja como religião oficial do império romano, apareceram as dificuldades internas nas igrejas locais a respeito da interpretação da Palavra de Deus e também da compreensão da Santíssima Trindade. Ao longo da história, tanto na doutrina dogmática como na teologia missiológica, foi desenvolvida a ideia da atuação de Deus como Uno e Trino ou Santíssima Trindade.

As primeiras lutas doutrinárias em relação à Santíssima Trindade – as quais foram relevantes – se formaram em torno da Encarnação, nos primeiros Concílios como o de Niceia (325), de Constantinopla (381) e o da calcedônia (451). Conforme aponta Suess (2007, p. 49):

As respostas eclesiais às perguntas: “Quem é Deus?”, “Quem é Jesus Cristo?” e “Quem é o Espírito Santo?” estavam e estão interligadas. É crucial para o anúncio, para a motivação, para a finalidade e para a relevância da missão. Portanto, a reflexão sobre a missão há de começar sempre com as duas perguntas “Quem é Deus?” e “Em quem acreditamos?” Celebramos e assumimos esse Deus?”

A Santíssima Trindade é o resultado de uma longa evolução e discussão em torno desse dogma, que pode ser resumido com as palavras de João: "Deus é amor" (1Jo 4,16). O amor não se contenta consigo mesmo, transborda na pessoa do Filho e no Espírito Santo, em missão, para anunciar a boa nova a toda a humanidade. Como aponta Suess, (2003, p. 54), o transbordar histórico da Trindade Imanente foi chamado de *Trindade histórico-salvífica*, que configura a missão de Deus (*missio Dei*). De alguma forma, o próprio Deus se autoenvia pela missão do Filho e do Espírito, por meio dos quais o próprio Pai se revela como amor (cf. Jo 14,9). Nessa forma a Realidade Última dialoga com a humanidade, chamando-a para compartilhar na plenitude divina, a finalidade da ação de Deus não é que homens e mulheres sejam tomados como indivíduos, mas um pouco como Deus em seu mistério mais profundo, pois eles também são formados em uma comunidade, um povo, um "ícone" da Trindade.

Deus é uma comunidade do Pai, Filho e Espírito, constantemente envolvida no mundo; salvação e plenitude humana é a vida vivida numa comunidade, que reflete a Comunidade que se doa, que é Deus (BEVANS e SCHROEDER, 2011, p. 287). Nesta

forma mergulha no Mistério da Vida Trinitária: no Pai Criador, no Filho Redentor, no Espírito Santo Santificador. A mística da Realidade Última é saboreada no interior da Igreja com as práticas dos sacramentos e com o amor solidário para com os outros.

Tanto a Tríade hindu como a Santíssima Trindade, mostram que existe uma razão para essa organização da divindade. A mística da Tríade hindu motiva os adeptos a libertar-se tanto da tentação de estar separado da Realidade Última, quanto da ignorância (*maya*) que bloqueia o caminho de atingir o conhecimento correto. Como afirma uma prece dos *Upanishads*: *da irrealidade conduzi-me à realidade; da escuridão à luz; da morte à imortalidade*. (AMALADOSS, 1997, p 14). Já a Santíssima Trindade motiva os cristãos a buscar a salvação do pecado e do mal. Enquanto o primeiro vê a causa do afastamento do homem da divindade na natureza pessoal, o segundo visualiza estruturas ou forças estruturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema fundamental para o pensamento contemporâneo é descobrir a mística envolvida na construção do significado do Todo ou da Totalidade. O Todo é um princípio chamado de consanguinidade das coisas, introduzido por Ernst Cassirer (1960), que parte da pressuposição fundamental das sociedades primitivas. Justamente esse princípio se encontra na construção da Tríade hindu e Santíssima Trindade. Conforme Cassirer,

A vida não é dividida em classes e subclasses. É sentida como um todo contínuo ininterrupto que não admite distinções claras e desordenadas. Os limites entre diferentes esferas não são barreiras intransponíveis. Eles são fluentes e flutuantes... por uma metamorfose súbita tudo pode ser transformado em tudo (FERNANDEZ, 1986, p.161.)

O princípio da consanguinidade nos avisa que o Todo, qualquer que ele seja, é um estado de relações – uma experiência de convivência. As sociedades modernas vivem de certa forma como adversárias e assim alienadas de possibilidades para fazer uma experiência de convivência, esquecendo o problema fundamental do Todo. A mística utilizada na construção da Triade Hindu e Santissima Trindade fornece a visão de todo. Podemos entender esse processo a partir da cultura africana quando Fernandez diz:

[...] para visualizar verbalmente aspectos de certos movimentos religiosos africanos que se relacionam com o retorno ao todo. Pictorializando dessa forma podemos inspecionar as imagens organizadoras que estão em jogo no desempenho ritual e ver como microcosmo e macrocosmo, coisas internas e coisas externas, centros e periferias, coisas superiores e

coisas inferiores, tempo-presente e tempo passado, estão relacionados. Pois, com essas partes o Todo é organizado (FERNANDEZ, 1986, p. 165).

Aplicando esse princípio de consanguinidade à Tríade Hindu e à Santíssima Trindade, percebemos que elas estão se preocupando com as relações humanas entre si ou restaurando as relações com a Realidade Última. Não por acaso, a mística é desenvolvida pelos sábios antigos dessas duas tradições e faz sentido para as nossas épocas iluminando o caminho a ser trilhado pelas futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- AMALADOSS, Michael. **Rumo à plenitude: em busca de uma espiritualidade integral**. São Paulo: Loyola, 1997.
- ANDRADE, Joachim. **Shiva abandona o trono: Destradicionalização da dança hindu e sua difusão no Brasil**. Tese de doutorado em Ciências da Religião - PUC – SP, 2007.
- ANDRADE, Joachim. **Da plenitude à ecologia integral: apelos do Sínodo da Amazônia para as relações dialogais**. IN: Caminhos de Diálogo (Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso), Curitiba, ano 8, número 12, janeiro a junho de 2020. Pp. 20-34.
- BEVANS, S. B.; SCHROEDER, R. P. **Constants in Context: a Theology of Mission for Today**. 6th printing. Maryknoll: Orbs Books, 2011.
- CHOPRA, Deepak. **Buda: a história de um iluminado**. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.
- COEN, Monja. Introdução. In: PIERES, Aloysius. **Viver e arriscar: estudos inter-religiosos comparativos a partir de uma perspectiva asiática**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2008. p. 7-8.
- DALAI LAMA XIV. **Uma ponte entre as religiões: por uma verdadeira comunhão da fé**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa** / tradução: Paulo Neves. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- FERNANDEZ, James. The argument of images and the experience of returning to the whole. In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward. **The anthropology of experience**. Chicago: Illinois Book Edition, 1986. p.158-172.
- GRIFFITHS, Bede. **Retorno ao centro, o conhecimento da Verdade – o ponto de reconciliação de todas as religiões**. IBRASA, Instituição Brasileira de Difusão Cultural LTDA. São Paulo: 1992, p. 51.
- KALAM, Abdul. Introdução. In: DALAI LAMA XIV. **Uma ponte entre as religiões: por uma verdadeira comunhão da fé**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.p.1-3.
- NEUNER, Joseph. **Bhagavad Gita**. In: DE SMET, Richard; NEUNER, Joseph (Ed.). **Religious Hinduism**. Mumbai: Saint Pauls, 1997. p. 279-281.

ANTOINE, R. Hindu Ethics: General Ethics. In: DE SMET, R.; NEUNER, J. (ed). Religious Hinduism. Mumbai: St. Pauls, 1997

SUESS, P. Missão como caminho, encontro, partilha e envio. Perspectiva, Desafios e Projetos. In: CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL, 1., Belo Horizonte, 17-20 jul. 2003. **Anais...** Brasília: POM, 2003. p. 54-55.

SUESS, Paulo. **Introdução à teologia da missão: convocar e enviar, servos e testemunhas do Reino**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

(Recebido em junho de 2021; aceito em junho de 2021)